

Matrizes da Leitura

A EXPRESSÃO XILOGRÁFICA

Gilmar de Carvalho

UFC/PUC-SP

Seis xilógrafos populares nordestinos representaram, por meio de uma série de trabalhos, as várias modalidades de leitura no contexto sertanejo.

Uma primeira questão se coloca: por detrás das gravuras havia uma encomenda e eles não teriam atuado de modo espontâneo. Poderíamos até duvidar se fariam estas xilos por conta própria, já que não seriam utilizadas como capas de folhetos nem como peças de álbuns, as duas vertentes em que geralmente atuam no contexto da editoração popular.

A encomenda, que é sempre uma interferência, ressalta, neste caso, a figura do mediador que, embora pretendendo assumir uma neutralidade, deixou suas marcas nas sugestões dos pedidos, na seleção dos artistas e do material. Estas ilustrações, remetidas para a revista "Leitura: Teoria & Prática", serviram como ponto de partida para a elaboração deste artigo, o que por si só merece uma reflexão.

O fato de não envolver o lucro e não se prestar à "tramóia" (PIRES FERREIRA, 1992, p. 135) não reduz o

impacto da intervenção no domínio da criação, restringindo ou tutelando a liberdade de expressão, prerrogativa da qual nenhum artista pode abrir mão.

O *briefing* que todos receberam pedia que manifestassem a importância da leitura, episódios que envolvessem esta prática, e sugeria que as xilos traduzissem situações vivenciadas ou visualizadas por eles. Solicitava-se um registro com base na lembrança, um apelo à memória como matriz do processo criativo.

Muita coisa deve ter-se perdido no rigor e no esquematismo que caracterizam estes pedidos, e o estabelecimento destas normas e critérios deve ser levado em conta numa futura análise dos resultados obtidos.

É a partir do que se tem, e não do que se poderia ter, que se empreende a aventura de sistematizar e compreender este conjunto de xilogravuras.

Um ponto a ser enfatizado é que todos os artistas são radicados e atuam em Juazeiro do Norte, o que, ressalvadas peculiaridades individuais, lhes dá um lastro de vivências e inserções em um uni-

verso mítico, marcado por uma forte religiosidade popular.

Juazeiro do Norte é o *locus* privilegiado das peregrinações que aglutinam a diáspora nordestina. Mas "nem só do Padrinho vivem os romeiros, mas de todo tipo de artigos que se vendem e se compram e que transformam a cidade em uma grande feira" (PORTO ALEGRE, 1994, p. 135).

Juazeiro do Norte é o núcleo artesanal que se consolidou como o grande pólo de produção de folhetos, mantendo uma tradição no campo das artes gráficas que permanece, apesar das crises, através das gerações.

José Lourenço e Cícero Vieira trabalham na editora Lira Nordestina, o que lhes facilita a manifestação criativa pelo acesso às tintas, agilidade no tirar provas e pelas encomendas de capas de folhetos que recebem com frequência. Francisco Correia Lima – Francorli – foi impressor na mesma tipografia, antes de se dedicar à eletrotécnica, que hoje constitui sua principal fonte de renda. José Marcionilo Pereira, o Nilo, é artesão que esculpe

santos e bichos na madeira. ALF (iniciais de Antonio Leite Fernandes) teve aqui a oportunidade de mostrar seu primeiro trabalho. Abraão Batista, bioquímico, ex-secretário de Cultura de Juazeiro do Norte, é professor universitário, além de poeta e xilógrafo.

Outra questão a ser destacada é a importância dada à temática religiosa (Vias Sacras, Vida e Milagres do Padre Cícero), à iniciação esotérica (Tarot e Signos) e à mitologia regional (Luiz Gonzaga e Santos do Povo), que se mesclam com aspectos da realidade regional (Sertão e Arajara) e das condições de trabalho (Lira Nordestina), como um mapeamento dos motivos que nortearam as propostas mais significativas destes artistas nos últimos tempos.

Eles recorrem, quase sempre, à madeira chamada umburanã, e, na falta de goivas, formões e outros instrumentos específicos, improvisam com pregos, garfos, bisturis e lâminas de barbear o entalhe da matriz com resultados surpreendentes. Embora recorram, com frequência, à maquinaria da editora, utilizam, algumas vezes, colheres para a impressão, pressionando o papel de encontro à matriz entintada.

Do conjunto de gravuras recolhidas destacam-se, por uma maior representatividade numérica, as imagens de leitura coletiva. Relembrações, talvez, do tempo em que os folhetos eram lidos à noite, para platéias atentas, antes da disseminação dos meios de comunicação eletrônicos. Como a maioria destes xilógrafos não viveu esta fase, os trabalhos assumem o caráter de reconstrução nostálgica da realidade, a partir de fragmentos de narrativas, das referências iconográficas

ou do esforço de memorização.

Estas leituras partilhadas que têm suas raízes nas *veillées* das fiandeiras (DAVIS, 1990, p. 162) ou no “contador de estórias em sua cadeira – se havia alguma – ao pé do fogo numa noite de inverno” (BURKE, 1989, p. 132) no início da Idade Moderna, na Europa, são retomadas num contexto de forte oralidade, onde muitas vezes o texto era dito de cor. Não é o que evidenciam as xilos que recorrem todas ao impresso como desencadeador do processo de transmissão dos saberes. O emissor e os receptores se inserem num cenário noturno, nas gravuras de José Lourenço e Cícero Vieira, esta marcada por um aspecto festivo, onde as chamas dos lampiões se confundem com as estrelas, num céu que é pura pirotecnia, e aquela, mais contida, reproduzindo um terreiro de casa sertaneja.

A ação de Francorli é deslocada para o dia, onde um grupo ocupa uma sala, com o sol intenso invadindo a janela. Abraão Batista insiste no mesmo enfoque e mostra pessoas sob a sombra de um cajueiro carregado de frutos com um sol que se insinua através dos entalhes da madeira. Em todas, a figura central e performática do leitor/narrador, o protagonista da cena.

Há um aspecto lúdico e um iluminismo que perpassa estes quadros, onde o emissor é aquele que traz a informação, que embora com características de lazer é, fundamentalmente, transmissão de conhecimentos.

A leitura na sala de aula é o segundo núcleo, do ponto de vista quantitativo desta amostragem. Outras xilos de Francorli e de Cícero Vieira reforçam o

clichê da professora diante do quadro e de um grupo de alunos. A ênfase é dada à prevalência do escrito e do processo de aprendizagem. É a educação formal que está em foco. O curioso na gravura de Cícero fica por conta das letras grafadas ao contrário, uma distração de quem deveria saber que na matriz os elementos teriam que ser cortados às avessas. Só que o “erro” aqui funciona como elemento diferenciador e inusitado do trabalho.

A xilo de ALF tem como personagem um matuto que lê recostado a uma árvore, sob um sol escaldante. É o gesto solitário que caracteriza a maior parte das leituras, sem as marcas da platéia que socializava as histórias e propulsionava a transmissão oral do trancoso. Trata-se de uma leitura silenciosa, de fruição individual do texto escrito.

A proposta de Nilo, bastante diferenciada, envolve a comercialização de folhetos, através da figura de um mascate que leva, no lombo de um burro, uma carga de impressos, como os pioneiros que faziam o circuito das festas de padroeiros. Ao fundo, o casario de um vilarejo, em segundo plano, um grupo de pessoas ávidas pelo cordel. Um pregão “com as palavras gritadas em voz alta” (BAKHTIN, 1987, p. 152), ao ritmo do trote do animal, atualizando uma atividade que, em tempos remotos, envolvia andarilhos e charlatães, numa atmosfera de feira e de festa.

Um último trabalho, estranho a este conjunto porque não foi objeto de encomenda, mas recolhido no acervo da antiga tipografia do Bispado do Crato, desativada, traz a assinatura do mestre Walderêdo Gonçalves, um dos grandes

nomes da xilogravura nordestina. Ele mostra, com a força da sátira, um burro com uma pesada ferradura no pescoço que abre as páginas de um livro que finge ler com atenção. Como não se sabe a que fim se prestou nem em que contexto foi produzido, embora tudo leve a crer, pelo formato, que tenha servido de capa de folheto na linha de crítica social, torna-se leviano forçar conclusões. É inegável que se trata de forte denúncia do analfabetismo, condição que parece indignar o artista e a que está submetida grande parte da população brasileira.

Pode-se dizer deste conjunto que ele reflete soluções, em termos de composição, perspectiva e corte, de um repertório mais amplo, que é o universo das capas dos folhetos de uma Indústria Cultural popular que dá sinais evidentes

de colapso ou da serialização que representa a tentativa da xilogravura de abrir novos espaços e ser absorvida pelo mercado de arte.

Tentando, sutilmente, quebrar com engenho e arte o dualismo entre o preto e o branco, fazendo leituras pessoais de um pedido comum e incorporando influências que vão do medieval ao massivo, estas xilos, que integram um grande *corpus*, preservam os estilos individuais e cristalizam uma visão do mundo que valoriza o ato de ler como a conquista que abre um leque de possibilidades e “em vez de uma ruptura, a passagem do vocal ao escrito manifesta uma convergência entre os modos de comunicação assim confrontados” (ZUMTHOR, 1993, p. 114).

Estas xilogravuras tratam da rela-

ção oral/escrito, que se realimentam, num ciclo que nunca se fecha, de narrativas, mitos e crenças que perpassam as mil e uma noites sertanejas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.
- BURKE, Pater. *A Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo-sociedade e cultura início da França moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- PORTO ALEGRE, Sylvia. *Mãos de Mestre*. São Paulo, Maltese, 1994.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

